

## O CASO AIMÉE, HISTÓRIA E FICÇÃO

O Caso Aimée, História e Ficção

Autor: Laura San Martin

Orientador: Marta Regina de Leão D'Agord

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

### INTRODUÇÃO

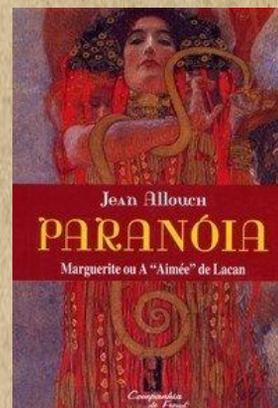
No presente trabalho, pesquisamos a relação entre a teoria e a ficção no campo psicanalítico. Utilizamos como textos-base a tese de doutoramento em psiquiatria de Jacques Lacan (1932) e o contraponto feito por Jean Allouch no livro *Paranoia - Marguerite ou a Aimée de Lacan* (1997/2005). Examinamos a forma como Lacan chegou ao que Allouch chama de teoria sororal.

As formulações de Lacan levam esse nome por ter como ideia central o desejo de Marguerite de agredir a sua irmã mais velha e sua perseguidora, Élise. Sendo muito crítica e tendo tido grande influência na vida de Marguerite, essa irmã é também uma projeção de um ideal e, mais tarde, matriz dos protótipos das perseguidoras em seu delírio. Ele salienta, no entanto, que Marguerite transfere o seu ódio para outros protótipos, que são os que lhe vêm a nível de consciência. Dessa forma, quando Marguerite agride um dos protótipos de Élise, ela agride ao seu ideal de eu.

### DISCUSSÃO

À época, por falta de recursos nas teorias tipicamente psiquiátricas, Lacan se sentiu impelido a procurar respostas na psicanálise. As paranoias passionais estavam muito em voga na psiquiatria, e Lacan se inspirou nelas e no conceito de autopunição para propor a paranóia de autopunição. Na paranóia de autopunição, o superego é muito cruel e pune constantemente o sujeito. Dessa forma, ao agredir a atriz, Marguerite, além de estar atacando o seu ideal, estaria punindo a si mesma.

Sessenta anos depois, Allouch propõe outra interpretação para o caso. Psicanalista lacaniano, ele utiliza uma pesquisa arquivológica aprofundada e encontra dados aos quais Lacan, na década de 30, não tivera acesso. Allouch consegue destacar na teoria sororal de Lacan um elemento velado: a irmã exercera o papel de mãe para Aimée em certa etapa. Dessa maneira, ele sugere que a irmã não é perseguidora de Marguerite, mas sim que o crime foi a forma que a chamada Aimée encontrou de se separar de sua mãe paranóica e de evitar cometer o ato de matar seu próprio



filho, pois no mito familiar, no não-dito, ser mãe seria matar o filho. A agressão à atriz tem também o significado de uma erotomania, porque a perseguidora simboliza o ideal do eu de Aimée.

### METODOLOGIA

Realizamos uma leitura crítica da texto de Allouch e comparamos com a tese de Lacan, observando a historicidade dos conceitos utilizados pelo primeiro. Ademais, fizemos uma leitura psicanalítica das leituras, atentando-nos aos significantes relacionados entre si.

### RESULTADOS

Nossa leitura sobre o caso é a de que os significantes morte e maternidade estão no cerne do conflito de Marguerite. Com o ato, Marguerite se separou da sua mãe e dos temores persecutórios desta. Dada a sua história, para ela, é impossível se identificar com a mãe no sentido de que ser mãe necessariamente significa ser filicida. O ato agressivo de Marguerite, então, constitui a separação da mãe e a emergência de um sujeito.

Allouch e Nasio (2001) nos ajudam a perceber a dimensão ficcional da construção do caso em psicanálise. O relato de um encontro clínico nunca é o reflexo de um caso concreto, mas uma imagem reconstruída pela lente de cada leitor. Nesse sentido, o Caso Aimée se mostra relevante, de forma que podemos repensá-lo no contemporâneo.

### REFERÊNCIAS

- Allouch, J. (1997/2005). *Paranoia Marguerite ou a Aimée de Lacan*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Lacan, J. (1932/1987) *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.
- Nasio, J. D. (2001). *Os grandes casos de psicose*. Zahar.